

# Todos os estilos do mundo

Ely Azeredo

Dois anos depois de *São Paulo S.A.*, que, embora visto com simpatia pelo público médio, é um típico "filme de estreante", com forte influência de Antonioni e acenos a Fellini, Godard, Resnais — excessiva sofisticação e hibridismo na forma, não toldando suas múltiplas virtudes — Luiz Sérgio Person nos surpreende agradavelmente com o vigoroso *O Caso dos Irmãos Naves*, indicado pelo Instituto Nacional de Cinema para a competição do Festival de Moscou. Surpresa por motivos vários: é um filme onde o cineasta reflexivo de *São Paulo S.A.* quase se apaga como *autor* para expor com compromisso documental um episódio verídico que, inclusive pela objetividade nua com que foi apresentado, está destinado a um extraordinário efeito de reflexão; é obra de um cineasta que não se julga canonizado pela boa recepção crítica do filme anterior (premiado no Festival de Pesaro) e admite, com naturalidade, uma guinada de estilo — e, até certo ponto, um despojamento de estilo — por achar que o caminho aparentemente despretensioso e menos "nobre" do documentarismo se afirma o mais coerente com a comunicação que pretende com o público, neste específico momento; finalmente, é, deliberadamente ou não, um corajoso gesto isolado contra a mística — a essa altura, excessiva — do "cinema de autor", que vem produzindo em quase todos os centros

de produção um insulamento do cinema de maior empenho artístico. Quando em nome do "cinema de autor" se glorifica um arsenal de truques (como "Um Homem e uma Mulher", de Lelouch, ou um repositório de idiosincrasias (como "Masculin, Feminin", de Godard), alguma farsa irresponsável está sendo encenada nos caminhos abertos por Resnais, Bergman, Antonioni e outros mestres menores ou maiores.

Person considera auspicioso o êxito do filme de estréia de Domingos de Oliveira, *Tôdas as Mulheres do Mundo*, que rompeu amplamente a "faixa" habitual de bilheteria do atual cinema brasileiro. Acha também que, apesar do reconhecimento da urgência de comunicação com nosso público, e de disputa de seu interesse às atrações poderosas do cinema estrangeiro, o diálogo com o espectador da massa ainda está por começar.

Em verdade, muitos cineastas do melhor nível, entre nós, têm medo de que o afã de comunicação seja confundido com a caça incondicional ao sucesso de bilheteria. E o que propõe é temerário, mas prova — nas circunstâncias atuais do cinema artístico — notável sentido *estratégico* e de oportunidade: "... a comunicação deve ser afrontada com todos os riscos, sem medo de eventuais falências artísticas, de certo modo irrelevantes no momento". Oportunismo? O cineasta tem uma pronta res-

posta: "O uso íntegro e extremo da sinceridade (...), de uma sinceridade exuberantemente aplicada ao momento em que vivemos (...), pode ser o elemento detonador capaz de desfazer equívocos". Embora a "sinceridade expressiva" não dependa apenas da "sinceridade intelectual" dos realizadores.

A assimilação desinibida de influências, os múltiplos tons (comédia sofisticada, gravidade *bergmanesca*, farsa, chanchada, picaresco, etc.) de *Tôdas as Mulheres do Mundo*, e agora esse *O Caso dos Irmãos Naves* (filme "sêco, simples, direto,





sem heróis e sem brilho", se aceitamos a definição do autor), dão a impressão de que um importante atentado contra a cidadela do ermetismo se encontra em andamento no cinema brasileiro. O lema ideal para essa fase de diversificação e impacto poderia ser pedido de empréstimo ao título da comédia recordista de Domingos de Oliveira: *Todos os estilos do mundo*. Propõe Luiz Sérgio Person: "Em matéria de linguagem, nosso cinema deve adotar o vale-tudo. Quando se trata de exprimir idéias e comunicá-las ao seu público, não se deve ter pudores de paterni-

dade, nem medo de parecer superado". As possíveis admissões de influências (dêste ou daquele mestre em moda) ou de "academicismo" não atemorizam Person na hora de visualizar uma cena, escolher um ângulo. Sem inibições, afirma que "conscientemente recorre a êste ou àquele filme, aproveito êste ou aquele movimento de câmera, misturo sem constrangimento qualquer estilo, qualquer cinema". Esse "à vontade" não impediu que *São Paulo S.A.* parecesse, em alguns momentos, exposição de brilho pessoal e de "modernidade", sem efeito positivo

no resultado final. Mas, não é difícil concordar com Person quando êle diz que, se o realizador tem "alguma coisa a dizer e um modo próprio, isso aparece" na visão definitiva da obra. O filme anterior e o que agora se apresenta ao público brasileiro não garantem a Person uma filmografia de continuidade estilística. Mas são dois momentos de grande dignidade e pulsação humana em nosso cinema.

Saudamos em Person o pedestre dos difíceis caminhos brasileiros. A testemunha fiel. A tranquilidade frente a todos os estilos do mundo.